

# Uma historiografia em crescimento: os estudos sobre Brasil e América latina na Segunda Guerra Mundial

Historiography in growth:  
studies about Brazil and Latin America in World War II

Francisco Cesar Alves Ferraz<sup>1</sup>  
Vinícius Mariano de Carvalho<sup>2</sup>

No aniversário de oitenta anos da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, a Revista Antíteses lança o dossiê “Brasil e América Latina na Segunda Guerra Mundial”. Mais que uma efeméride, é uma celebração da maturidade crescente de um gênero de pesquisa histórica desta guerra mundial de dimensões inigualáveis.

Um fenômeno historiográfico relativamente recente contribuiu para o alargamento do campo de pesquisa sobre a história da Segunda Guerra Mundial, em geral, e da participação de Brasil e países latino-americanos nesse conflito, em particular. Foi o desenvolvimento mundial da historiografia militar, mais especificamente a da Segunda Guerra Mundial, em direção a temáticas, objetos e fontes que vão muito além das tradicionais histórias de batalhas e manobras de unidades armadas. Isto tem sido chamado, desde a década de 1970, com certa liberalidade e pouca precisão, de “nova” história militar. Independentemente da “novidade” ou não deste fazer histórico, o que importa é que, ao lado dos objetos tradicionais da história dos conflitos armados – tratados, batalhas, campanhas, unidades combatentes e de apoio, lideranças, estratégias, táticas, tecnologia bélica e logística – foram incorporadas outras dimensões da vida social antes, durante e depois do conflito, como o impacto das guerras nas sociedades beligerantes e mesmo nas consideradas “neutras”, os recursos humanos, econômicos e culturais mobilizados para o conflito, o moral de combatentes e não-combatentes, os efeitos da guerra sobre o soldado individual, a desmobilização e o destino dos veteranos, as dimensões culturais da guerra, questões de gênero, identidade racial/étnica/nacional, as consequências sociais, culturais, políticas, econômicas das guerras, etc.

Esse caráter holístico de uma história social dos conflitos armados chega ao paroxismo, quando se tem em mente a historiografia mais recente da Segunda Guerra Mundial. Foi, como nunca antes e nunca depois na história, uma guerra verdadeiramente *global* (todas as nações e todos os cantos do globo foram afetadas pelo conflito, inclusive as nações que se declararam neutras); *total* (todas as energias e recursos humanos, materiais e culturais das sociedades

foram mobilizados) e *interdependente* (Teatros de Operações interconectados; sinergia nas operações conjuntas de nações aliadas; conexões de frentes de combate e frentes domésticas; desenvolvimento da ciência/tecnologia e seu uso nas forças armadas; produção para guerra e para consumo interno, produção cultural como mobilizador/desmobilizador do moral de luta de aliados ou inimigos, etc.).

Em cada artigo aqui publicado será possível perceber esse caráter global, total e interdependente. O ensaio que abre o dossiê é a conferência “*Latin America, the Good Neighbor, and the Global Second World War*”, proferida em agosto de 2024 por Andrew Buchanan e Ruth Lawlor, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Simpósio Internacional “A Política de Boa Vizinhança em Tempos de Guerra”.

No artigo, a Segunda Guerra Mundial é entendida, espacial e temporalmente, de modo amplo e global. Ao invés dos marcadores tradicionais (1939-1945; Frentes de Eurásia/ Mediterrâneo/Ásia/ Pacífico), os autores concebem o conflito em uma perspectiva global, que envolve todos os continentes e oceanos, e com marcos temporais que vão da invasão japonesa à Manchúria, em 1931 até o fim da Guerra na Coreia, em 1953. Para tanto, este conflito é entendido não apenas como um fenômeno bélico, mas como a articulação de conflitos de poder econômico, político, cultural, além do especificamente militar. Daí a ênfase na Segunda Guerra Mundial como a catalisação de um conjunto de crises ocorridas, nas relações internacionais, com o Sistema de Versalhes; na economia mundial, com a crise de 1929 e a Depressão dos anos 1930; além do perigo da revolução social. Em ambiente tão conturbado, as potências globais buscavam assegurar, no âmbito econômico, militar e cultural, suas áreas de influência, bem como negar às outras potências o mesmo espaço.

É nessa procura por consolidar seu domínio hemisférico nas Américas que a Política de Boa Vizinhança, ou do Bom Vizinho (*Good Neighbor*), desenvolvida pelos Estados Unidos, é entendida. Diferentemente das áreas de influência imperiais de outras potências, nas quais as regiões dominadas ou a serem dominadas seriam submetidas à exclusão de suas soberanias nacionais, no

caso das Américas o desafio era construir políticas diplomáticas, militares, econômicas e culturais sem o ônus da intervenção invasora. Simplificando, seria a união do “poder duro” (*hard power*) com o poder “brando” (*soft power*). Portanto, contrariando as interpretações que separam uma Política de Boa Vizinhança “neutra” dos anos 1930, das pressões pelo engajamento das Américas na Segunda Guerra Mundial, os autores argumentam que a integração dessa política externa dos Estados Unidos na América Latina só pode ser pensada no contexto das crises globais e regionais que teriam a Segunda Guerra como consequência. Em outras palavras, a Política de Boa Vizinhança foi, sim, uma política de guerra, preventiva antes de 1941, e aberta após Pearl Harbor. Esses acordos comerciais e alianças militares ampliaram o alcance da autarquia hemisférica americana, primeiro na América Central e Caribe, e posteriormente na América do Sul. Assim, *a América Latina se tornou o verdadeiro Trampolim da Vitória de Washington na guerra global*. Provendo as matérias primas necessárias, as localizações estratégicas para as estruturas de patrulhamento do Oceano Atlântico e do seu litoral do Pacífico, a América Latina foi chave para a concentração de esforços e recursos materiais para a vitória aliada.

Foi uma via de mão dupla, embora muito assimétrica. O impacto da Segunda Guerra Mundial na América Latina foi enorme, mas nem sempre em benefício dos parceiros dos Estados Unidos. A produção foi expandida, as exportações diversificadas, acordos comerciais e militares foram ampliados. E para Brasil e México, foi proporcionado o estímulo ao desenvolvimento nacional, seja pela construção de uma indústria de base no Brasil, seja pelo reconhecimento, pelos Estados Unidos, da nacionalização do petróleo mexicano. Contudo, como os autores ressaltam, a participação conjunta na guerra acelerou a dominação de Washington na América do Sul, através da erosão da capacidade latino-americana de operar como um “meio termo” entre a Europa e os Estados Unidos. Tal política representou um ataque às relações políticas e econômicas que os países latino-americanos, especialmente Argentina e Brasil, tinham anteriormente com a Grã-Bretanha, Alemanha e Itália.

Essas relações, cultivadas antes e durante o conflito, pelas principais nações latino-americanas (Brasil, México e Argentina) são objeto do artigo de

Vagner Alves, “*A Batalha do Atlântico e a posição de Argentina, Brasil e México vis-à-vis a Segunda Guerra*”. O artigo se contrapõe a versões personalistas e de política interna, que costumam definir as escolhas por rompimentos e alianças desses três países durante os anos de guerra, como resultado de simpatias/antipatias pessoais de presidentes e de elites políticas latino-americanas ao Eixo ou aos Aliados. Ao contrário, opta por uma interpretação sistêmica, ao analisar as atitudes de Brasil, Argentina e México, seus trunfos e vulnerabilidades estratégicas, naquele momento tão decisivo. Para o autor, foram as determinações da guerra total e global que influenciaram a posição desses países. Mostra diferenças marcantes entre os três países, em seus processos de rompimento de relações com o Eixo, seja na temporalidade, seja na natureza das razões de rompimento. Alves ressalta também que a natureza democrática ou ditatorial da estrutura política de cada um dos três países teve papel decisivo na demora ou presteza com que os rompimentos se deram.

O artigo argumenta também que, embora o Atlântico Sul nunca tenha tido a importância do Atlântico Norte na guerra como um todo, os submarinos do Eixo que operavam na região cumpriam a mesma regra: afundar o máximo de navios inimigos ou de países que romperam relações com o Eixo. E não se tratou de ações individuais de comandantes aguerridos dos submarinos germânicos. A decisão de atacar navios em águas menos patrulhadas já estava tomada, desde a cúpula da Marinha alemã.

Para os brasileiros e mexicanos, uma “neutralidade belicosa” pró-Aliados levou aos ataques de seus navios em sua costa litorânea. Mas as negociações diplomáticas levaram também a alianças e vantagens dos dois países durante e no pós-guerra. No caso argentino, a maior autonomia de sua política externa decorreu da pouca importância estratégica em seu território para bases aliadas, e da importância do fluxo comercial intenso com os britânicos. Tal situação atrasou ao máximo o rompimento de relações e declaração de guerra contra o Eixo.

A presença britânica no Brasil também foi sentida, nas campanhas de propaganda e nas atividades de espionagem durante a guerra. O artigo de

Alexandre Valim, “*Entre a Guerra e a Persuasão: presença britânica nas operações de propaganda e espionagem no Brasil (1941-1945)*”, apresenta e debate as atividades do *Ministry of Information* britânico no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial. As principais atividades deste organismo eram realizar propaganda na guerra, em favor dos interesses e negócios britânicos no Brasil. No artigo, são apresentadas as diversas modalidades e dispositivos de informação contrainformação e propaganda emitidos por órgãos britânicos. Paralelamente foi feita uma comparação constante com as instituições congêneres dos Estados Unidos, particularmente o *Office of Coordinator of Inter American Affairs*, que eram ao mesmo tempo concorrentes e parceiras nas atividades aliadas no Brasil. Tal situação, que se repetiu em diversos países e situações durante a guerra em questão, enfatiza o caráter global e interdependente dessas ações.

Ao analisar o material de propaganda britânico no Brasil o autor se interessa não apenas pela emissão/significados de mensagens e ideias, ou apenas pela recepção dessas, mas pela interação dinâmica dessa comunicação em “mão dupla”, com forças recíprocas atuantes. É o que o autor define como “circuito comunicacional”. Dessa forma o autor defende que não houve absorção passiva das propagandas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, mas uma interação dinâmica, embora assimétrica. É também sublinhada a importância de se estudar mais a documentação britânica sobre o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. O fato de os serviços britânicos monitorarem as atividades relacionadas aos países do Eixo no Brasil, bem como as dos Estados Unidos e de outros países aliados, confere à documentação britânica um potencial que merece ser explorado mais sistematicamente.

Das atividades relacionadas aos chamados “Súditos do Eixo” no Brasil, as que mais atraíam atenção eram aquelas realizadas nas cidades dos três estados mais meridionais do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que possuíam as colônias de imigrantes e descendentes da Alemanha e Itália, principalmente. Ao longo de décadas, a historiografia sobre o impacto da guerra na região Sul tem enfatizado, por um lado, as atividades de espionagem e o “perigo nazista” e fascista; de outro, as consequências da nacionalização, pelo Estado Novo, e as perseguições a teuto-brasileiros decorrentes do envolvimento do país

na guerra. O artigo “*Dias de Guerra em Joinville: uma cidade de colonização alemã no contexto do Brasil na Segunda Guerra Mundial*”, de Wilson de Oliveira Neto, mostra que os impactos da guerra em Joinville foram muito maiores e mais diversificados do que o binômio espionagem-nazismo/nacionalização-perseguição. A mobilização civil dos cidadãos para a guerra, pouco conhecida, é aqui analisada tanto na mobilização material quanto no recrutamento de jovens para defesa interna (uma unidade do Exército sediada no município, o 13º Batalhão de Caçadores, foi destacada para vigilância do litoral norte catarinense) quanto para a Força Expedicionária Brasileira. O autor utilizou uma vasta gama de documentos como os papéis oficiais, cartas, depoimentos orais, fotografias e jornais da cidade.

A análise da imprensa, seja seu alcance local, regional ou nacional, sempre abre possibilidades para reflexões sobre determinados temas que não costumam aparecer diretamente como objetos de estudo da Segunda Guerra Mundial. Este é o caso das análises sobre o papel da mulher nesta guerra. Esta guerra produziu impactos e transformações sociais significativas. No caso das mulheres, reforçou, em muitas sociedades, a luta por direitos civis sociais e políticos. Como em toda a luta, porém, os resultados não são sempre os esperados. No caso da Segunda Guerra Mundial, o impacto foi ambíguo: ao mesmo tempo em que desafiava os papéis habituais de gênero, por um lado, por outro reforçava práticas tradicionais como apelo à maternidade e à defesa da família. O artigo de Alexandre Fortes, “*A Segunda Guerra Mundial e o lugar da mulher na sociedade nas páginas da imprensa brasileira*” aborda esta tensão, tomando como base duas publicações brasileiras, a revista *Diretrizes*, e o semanário “*Correio da Lavoura*”. Neles se observam os impactos locais e globais da Segunda Guerra Mundial, mas especificamente o lugar da mulher na sociedade. O material pesquisado, composto por artigos de autores brasileiros e reproduções de artigos publicados em periódicos estrangeiros, apresenta várias formas de atuação feminina no contexto da guerra, como enfermeiras, trabalhadoras no esforço nacional de guerra, e até mesmo como combatentes. Saltam aos olhos as matérias reproduzidas de periódicos de países aliados, da valorização da luta das mulheres soviéticas. Sua publicação no Brasil, em plena

ditadura estadonovista, sublinha o caráter singular desses tempos.

Com o fim da guerra se aproximando, o destaque das matérias se desloca das apologias ao heroísmo feminino, que ocupava os lugares tradicionalmente masculinos nas frentes interna e de combate, para a discussão sobre como as mulheres brasileiras responderiam aos desafios da condição feminina no mundo pós-guerra. O autor destaca que as disputas por significados de feminismo e protagonismo feminino, muitas vezes deslizavam para projeções sociais marcadas por preconceitos sociais, raciais e de gênero.

Nada da vida social escapou da guerra. As artes - e os artistas - também foram afetados por ela e expressaram suas angústias, anseios e sonhos de um mundo melhor. O artigo “*Georges Wambach e a Segunda Guerra Mundial: arte e política em meio ao conflito bélico*”, de Tunai de Almeida, analisa a trajetória do pintor Georges Wambach, belga emigrado no Brasil antes do início do conflito, devido à expansão do nazismo. Sem ser um militante antifascista, Wambach tentou em vão ficar distante do conflito. Procurou pintar paisagens, logradouros e lugares públicos. No entanto, algumas de suas obras, aqui analisadas, ressaltam a onipresença da Guerra Mundial, mesmo no Brasil, aparentemente tão distante da guerra. Tal presença não ficou registrada apenas em algumas de suas telas, mas em sua vida pessoal, pois chegou a ser temporariamente preso, acusado equivocadamente de espionagem para o Eixo. Ser estrangeiro no Brasil, em meio à comoção da guerra, podia ser perigoso. O artigo mostra um pouco dos milhares, para não dizer, milhões de histórias de pessoas comuns que são, repentinamente, tragadas pelas fortes ondas da guerra.

Essa dinâmica própria de uma guerra de massas de combatentes conscritos e civis envolvidos voluntária ou involuntariamente nas hostilidades, tem a tendência de chamar a atenção para histórias de indivíduos que buscam situar a si próprios na corrente dos acontecimentos. É o principal filão a que se recorre para a elaboração de ficções históricas sobre a participação do país na guerra. O artigo “*A ficção entre a história e o testemunho: panorama da ficção histórica recente sobre a Força Expedicionária Brasileira (2008-2019)*”, de José da Mata Machado, propõe um olhar inicial de obras de ficção histórica literária e cinematográficas

recentes, sobre a Força Expedicionária Brasileira. Mata Machado constata que uma das principais motivações dos autores para se elaborar uma ficção histórica sobre a FEB é a necessidade que sentem de reparar o “esquecimento histórico” das ações e vidas dos brasileiros na Campanha da Itália. Nesse esforço por cercar as histórias ficcionais com a maior autenticidade e verdade possível, um esforço “historiográfico”, muitas vezes foi sacrificada a própria ficção. Esse é o dilema do ficcionista histórico: se deseja preservar a fidelidade factual e, ao mesmo tempo, manter uma qualidade estética e literária. O risco de se ficar no meio do caminho é sempre muito grande.

Gostaríamos de terminar esta apresentação do Dossiê chamando a atenção para o artigo da doutoranda em História Ana Amélia Dias, “*Soldado da Memória: O Pós-Guerra do Pe. Francisco Eloi de Oliveira, Ex-Capelão da FEB*”, que está publicado na seção “*Primeiros Passos*” deste volume. Nele, a autora aborda as ações no pós-guerra do padre Francisco Eloi de Oliveira, que na FEB foi Capelão. Dias analisa suas atividades pós-guerra como a de um “agente de memória” na cidade e região, nas quais buscou promover uma integração entre o espiritual e o histórico, o individual e o coletivo.

Concluindo o balanço, podemos dizer que os artigos elencados neste dossiê representam um pouco da vitalidade da produção historiográfica brasileira sobre o envolvimento do país e da América Latina na Segunda Guerra Mundial. Há um crescimento expressivo de iniciativas de pesquisa e publicação nas últimas três décadas, uma variação temática cada vez maior, uma diversidade regional nos autores e temas e - o que é mais promissor, o conjunto de autores e pesquisadores é cada vez mais jovem. Assim como, de certa forma, a Segunda Guerra Mundial ainda não acabou - pelo menos em seus efeitos e problemas criados desde então, podemos dizer, sem medo, que a pesquisa histórica sobre esta guerra no Brasil está em plena expansão, quantitativa e qualitativa.

## Notas

<sup>1</sup>Professor na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

<sup>2</sup>Professor na King's College, London.

